Estética I

* ***Ensaio Sobre o Olhar, Experiência Estética e Acontecimento.***

A estética é tradicionalmente vista como teoria do belo. Podemos “reparti-la” em dois sentidos: O sentido normativo, tal como a lógica ou a moral (fonte dos valores humanos – julgamento de valor que enuncia as normas gerais do belo); e no sentido metafísico, dado que se esforça por desvendar a fonte original de toda a beleza sensível, ou seja, o fundamento ontológico do belo. A Estética, na actualidade, foge do conceito normativo e referencial do Belo e esta não possui um objecto fechado em si mesmo. A Estética renunciou portanto ao desenvolvimento normativo e auto-suficiente, passando a ser uma área mais fragmentada e, por isso, mais completa. A contemporaneidade exige outra configuração para o problema. Podemos procurar pensar como no espaço da estética será essencial um desencadeamento de outro modo de pensamento - o devir.

O devir (conceito utilizado por Heráclito) permite-nos um encontro diferente com o próprio gesto de criação, a própria configuração em aberto das coisas. A inocência do devir leva à noção de acontecimento.

A noção de acontecimento supõe uma configuração da temporalidade histórica (supõe simultaneamente o quebrar dos valores, dos conceitos em relação aos quais o real é geralmente interpretado e a irrupção de um sentido cuja forma não conseguimos antever) onde não possuímos condições conceptuais para explicar o que acontece. A experiência estética pode ser traduzida pelo acontecimento. O Acontecimento remete então para uma descontinuidade introduzida na continuidade da história.

Podemos afirmar que as experiencias estéticas configuram a própria determinação conceptual. Elas não são reducionistas, ou seja, estas têm em conta todos os factores que têm importância para essa experiência. Existem vários factores convergentes na experiencia estética, entre eles podemos destacar o indivíduo que como agente de toda a manifestação estética, encontra-se numa cadeia em que nos pólos podemos vê-lo como produtor e receptor (criador e contemplador), eventualmente, para constituir uma reelaboração do mundo . A cadeia que a obra desencadeia gera um espaço aberto de reinvenção possível. Este espaço de reinvenção sintetiza os meios expressivos semanticamente diversos. Nem sempre as experiências são dadas por um único meio expressivo;

Em toda a experiência estética desdobram-se imagens do homem nas quais nos podemos olhar como uma forma de “espelhos simbólicos” de um mundo possível não existente e de um mundo real construído com o mesmo material do corpo e dos sonhos.

O espaço de reelaboração das experiências não é indeterminado em si mesmo porque esse mesmo movimento supõe a existência de raízes dadas pela própria obra como um todo. Não existe portanto uma estrutura rígida da obra que vai determinar as formas de reelaboração.

Podemos então completar o raciocínio com um excerto de Berenson onde afirma que “a experiência estética, ou, momento estético, é esse instante fugaz tão breve, até ser quase sem tempo, no qual o espectador se identifica totalmente com a obra de arte que está vendo”.

A Fenomenologia vai romper com os esquemas habituais de pensar o que é olhar, o que é ver e o que é a ligação com uma obra de arte. É neste âmbito que é possível fragmentar a ideia de que a obra de arte deve ser analisada com base na dimensão da representação e/ou na dimensão da expressão (sujeito).

Mas o que é o fenómeno para a Fenomenologia? Não é nada de substancial; não é a expressão de uma significação. Ele é o próprio sentido do ser. É o aparecer daquilo que aparece.

O fenómeno é abertura. Não será testemunhar aquilo que se viu mas aquilo que não se viu (o que contemplamos), enquanto princípios últimos, isto é, enquanto nascimentos e mortes contínuas (com a articulação entre as formas dos perceptíveis e dos existenciais). Esta dupla manifestação da ligação natalidade-mortalidade é uma forma de infinito no finito. Procura criar formas de mundo, acrescentar realidade. Sabemos que toda a pintura é essencialmente abstracta e se o é, é porque nós somos entre os sendos, sendos abstractos. É-o também porque toda ela é acto de presença, no sentido em que é manifestação da dupla ligação entre natalidade e morte.

Não é qualquer coisa que aparece entre as coisas aparecentes; é o seu próprio aparecer. De outro modo, estamos a falar do aparecer e não do que aparece.

Estamos habituados a uma noção de “ver” que substancializa, ou seja, categoriza. E não é assim que a fenomenologia a vê. Portanto não decorre de uma visão físico-fisiológica.

Abordando a filosofia de Ponty sobre o olhar na sua obra *O olho e o Espírito*, este define um olhar expressivo sobre o corpo, configurando uma linguagem sensível que é expressa nos movimentos. Apresenta uma nova concepção de percepção, como conhecimento, o estético, desenhando com traços significativos, sentidos para uma compreensão densa de corporeidade.

O autor recorre à pintura pois esta procura revelar o que não se mostra. Portanto, o olhar vê o visível, mas não significa que existe uma parte escondida que é necessário desvelar, embora nasça e pereça em si, no fenómeno, um novo mundo; o que aparece é o invisível, trata-se de um nascimento de um mundo sob o olhar; um mundo que, na sua abertura, se abre e fecha no seu próprio instante.

Para Merleau Ponty, é através do olhar que primeiro interrogamos as coisas de modo a compreender o corpo, na generalidade, como um sistema voltado para a inspecção do mundo. A pintura, por sua vez, é objecto privilegiado para essa reflexão.

M. Ponty dá o exemplo de uma tela cheia de tintas e texturas. Ao olhar para a tela eu “crio” profundidade. Eu crio uma realidade que não é mundo já existente. Eu faço mundo. Mergulha neste mundo, criando formas outras de mundo.

M. Ponty em Signos: “Olhar não é um acto de consciência, mas a abertura da nossa carne imediatamente preenchida pela carne universal do mundo. A visão é o meio que me é dado de estar ausente de mim mesmo.”

Podemos então afirmar que ver não é o mesmo que olhar. Tal como dizia o célebre escritor José Saramago: *Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.*

O simples facto de conseguirmos ver (no sentido de olhar - visão) não quer dizer que conseguimos ver as coisas só como elas são (no seu sentido “fisico”, apenas). Podemos provar isso através das várias tentativas (muitas delas com bastante sucesso) de nos iludirem ou de nos levarem a ver uma coisa de um certo ponto de vista. No entanto, no nosso dia-a-dia, contemplamos paisagens ou outros objectos sempre de uma forma diferente, em constante mudança e também de uma forma diferente dos outros.

Ver será no sentido mais concreto onde vemos algo no sentido das formas perceptíveis. Vemos o que está lá, ou seja, o que é visível. Olhar será no sentido de profundidade. Existe uma ligação entre as formas dos perceptíveis e as formas dos existenciais. Vemos para além do visível, criando mundos possíveis. O que está fora de foco.

O invisível é potência, o que está a todo o momento, o fenómeno, a força, o acontecimento. O invisível está para o impensado da mesma forma que o visível está para o pensamento. Não é aquilo que ainda não foi descoberto; não é uma dimensão que exista substancialmente ou por significação. Supõe da parte do pensamento desse mundo sempre em contínuo nascimento para o qual não há testemunho. O invisível não se desliga do visível como se fosse um mero negativo. É existente, é ausência presença do próprio visível.

Habitar o invisível é criar formas de mundo, que não são formas de mundo à parte; são também realidade. Criação de sentidos em devir. Nós habitamos perceptivamente, sensivelmente, esse devir, ou seja, somos devir com a própria obra.